

O TEMPO HUSSERLIANO: UM FANTASMA QUE NÃO DEIXA DE EXISTIR

THE HUSSERLIAN TIME: A GHOST THAT DOES NOT CEASE TO EXIST

TIEMPO HUSSERLIANO: UN FANTASMA QUE TODAVÍA EXISTE

Caio César Costa Santos^{1*} – 

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Psicologia Fenomenológica pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), Sergipe, Brasil; * Autor correspondente: caio-costa@live.com.

Recebido: 21/04/2021 | Aprovado: 06/05/2021 | Publicado: 08/05/2021

Resumo: Este artigo tem o objetivo de fazer uma análise crítica da obra husserliana: “Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo” publicada originalmente em 1928. Nesta obra, Husserl procura fazer uma análise fenomenológica da consciência do tempo. Segundo ele, para conhecer a fundo as manifestações do tempo dentro de nós, é necessário conhecer o fundo muito profundo de sua interioridade. O problema central de nossa investigação filosófica é este: o que há dentro do tempo e como podemos conhecer a fundo a sua interioridade? Em resumo, a resposta seria: conhecendo a sua consciência interna. Pois é, para Husserl, o tempo tem consciência. Ao longo do texto, iremos analisar fenomenologicamente as múltiplas zonas de passagem do tempo constituídas de halos temporais que iluminam o fluxo invisível da duração. Tal análise está voltada particularmente para a realidade virtual a qual é constituída de uma cauda retencional do passado alimentada por retenções primárias e/ou secundárias. Para tanto, a metodologia desta pesquisa é de cunho crítico-reflexiva. Concluímos que o tempo husserliano é, na verdade, um grande fantasma encrustado no fluxo temporal de vivências psíquicas.

Palavras-chave: Cauda retencional do passado. Consciência interna. Interioridade. Zonas de passagem.

Abstract: This paper aims to make a critical analysis of the Husserlian work: “Lessons for a phenomenology of the internal consciousness of time” originally published in 1928. In this work, Husserl seeks to make a phenomenological analysis of the consciousness of time. According to him, in order to fully understand the manifestations of time within us, it is necessary to know the very deep depth of his interiority. The central problem of our philosophical investigation is this: what is there within time and how can we get to know its interiority in depth? In short, the answer would be: knowing your inner consciousness. Well, for Husserl, time is consciousness. Throughout the text, we will phenomenologically analyze the multiple time-passing zones made up of temporal halos that illuminate the invisible flow of duration. Such analysis is particularly focused on virtual reality, which consists of a retentional tail of the past fed by primary and / or secondary retentions. Therefore, the methodology of this research is of a critical-reflexive nature. We conclude that Husserlian time is, in fact, a great ghost embedded in the temporal flow of psychic experiences.

Keywords: Retentional tail of the past. Inner consciousness. Interiority. Time-passing zones.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo hacer un análisis crítico de la obra husserliana: “Lecciones para una fenomenología de la conciencia interna del tiempo” publicada originalmente en 1928. En esta obra, Husserl busca hacer un análisis fenomenológico de la conciencia del tiempo. Según él, para conocer en profundidad las manifestaciones del tiempo dentro de nosotros, es necesario conocer la profundidad muy profunda de su interioridad. El problema central de nuestra investigación filosófica es este: ¿qué hay en el tiempo y cómo podemos conocer en profundidad su interioridad? En resumen, la respuesta sería: conocer tu conciencia interior. Bueno, para Husserl, el tiempo es conciencia. A lo largo del texto, analizaremos fenomenológicamente las múltiples zonas de paso del tiempo compuestas por halos temporales que iluminan el flujo invisible de la duración. Dicho análisis se centra especialmente en la realidad virtual, que consiste en una cola de retención del pasado alimentada por retenciones primarias y/o secundarias. Por tanto, la metodología de esta investigación es de carácter crítico-reflexivo. Concluimos que el tiempo husserliano es, de hecho, un gran fantasma incrustado en el flujo temporal de experiencias psíquicas.

Palabras-clave: Cola de retención del pasado. Conciencia interna. Interioridad. Zonas de paso.

1 Introdução

Edith Stein (1891-1942), aluna de Husserl (1859-1938) e, posteriormente, sua discípula, organizou um compilado de textos de Husserl que, à época, não eram conhecidos pela população científica. Aparentemente fragmentários, estes textos possuíam (e possuem) uma coerência interna e uma unidade de intenção coesa. Estes manuscritos, incluindo a parte A e a parte B, foram publicados com o título de *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. Seu tradutor, Pedro Alves, deixa claro, em sua introdução, que este é um dos únicos textos que Husserl escreveu sobre a problemática do tempo e que, em sua composição, ele jamais deixará de ser um texto sem atualidade. Pedro Alves ainda deixa claro que, neste texto, estamos nos presenteando com um ajustamento da problemática do tempo ao nível de uma fenomenologia transcendental, o que significa dizer que há aí uma *elevação* ou uma *evolução* do pensamento já maduro das Ideias¹.

Husserl inicia, nas *Lições*, afirmando que o texto tem o intuito de dirigir-se para uma análise fenomenológica rigorosa da consciência do tempo. Ao começar a escrever sobre o assunto, o presente filósofo deixa claro que se trata de uma análise que exclui quaisquer suposições ou convicções a respeito do tempo objetivo, cronometrado, homogêneo, linear ou absoluto. A perspectiva do tempo que se apresenta está calcada na dissolução de sua aparente estrutura cosmológica, partindo dos estilhaços, dos pequenos fragmentos que se desintegram de sua face “transparente”.

O problema central de nossa investigação filosófica é este: o que há dentro do tempo e como podemos conhecer a fundo a sua interioridade? Em resumo, a resposta seria: conhecendo a sua consciência interna. No interior do fundo da temporalidade, há uma delicada, fina e heterogênea estrutura que está a todo instante perfazendo-se, reformando-se a ponto de, durante a sua interiorização ou introspecção por parte de uma subjetividade, formar encadeamentos que se diferenciam entre si, partindo-se de pequeníssimas e delicadas suavidades que começam no tempo objetivo do presente e não sabem aonde vão terminar. Ou melhor, não há, para a consciência interna do tempo, um fim ou uma finalidade verdadeira, apesar de coexistir o milésimo término de um contato intencional com algum objeto temporal. E, mesmo para este objeto, a consciência que se temporaliza não encontrará jamais uma conclusão efetiva, porque enquanto existir vida anímica, uma porção de *animus*, nunca deixará de existir um *efeito intensivo* sempre recorrente das manifestações do tempo.

O tempo, aqui, é diferença, bem na esteira de Deleuze (2020). O tempo significa ser uma explosão de constituintes retencionais. Uma formação que se substancializa em camadas profundas deformativas. O caractere temporal dos objetos em percepção toma uma linha de interiorização dentro de outra interiorização e assim *ad infinitum*. O tempo, então, varia, passa a variar e, dentro desta singela marca da passagem, são introduzidos *fantasmas* que, no limite de sua assombrosa presença, fazem movimentar e variar os halos temporais, invisíveis por natureza.

¹ O termo *Ideias* refere-se à obra de Husserl: “Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica publicada originalmente em 1913.

E aí encontra-se a tese deste texto: o tempo husserliano envolve-se e alimenta-se de fantasmas, ou seja, o tempo reaparece à consciência na forma de fantasmas através do brusco contato com as coisas, percebendo-as e/ou recordando-as. Esta tese é confirmada nas palavras do próprio Husserl (1994, p. 38): “o que nós aceitamos não é a existência de um tempo do mundo, a existência de uma duração causal e coisas semelhantes, mas antes o tempo que aparece [*erscheinende Zeit*], a duração que aparece como tal”. E mais, Husserl (1994), em *Lições*, não abre sua investigação fenomenológica partindo-se do tempo do mundo da experiência (apesar de que o tempo causal é tempo na experiência), mas parte, antes de tudo, do tempo *imane*nte do curso da consciência. Por isso, o tema central de sua obra ser a “consciência *interna* do tempo”.

Atentemos para a palavra “interna”. Não estamos tratando de exterioridades múltiplas, nem da cosmovisão ampla do mundo externo. Ao contrário, trata-se especificamente de uma consciência subjetiva que se substancializa na consciência interna do tempo. É o dentro pelo dentro. O interno no interno. Por isso, falamos de uma interiorização dentro de outra interiorização de naturezas distintas, mas que se compenetraram. Trata-se muito mais do que um tempo subjetivo. É preciso, então, entrar cada vez mais no interior da temporalidade, escavando cada vez mais a sua interioridade até que se chegue a uma visão aparentemente esquisita e anormal da temporalidade, até que se vislumbre um tempo esquizofrênico, alimentado por desvios e rupturas. O objetivo deste texto é tornar, para o leitor, a interioridade do tempo cada vez mais evidente mesmo que, para isso, precisemos entrar a fundo em suas profundezas.

2 A evolução do tempo husserliano nas *Lições*

A perspectiva husserliana do tempo assemelha-se também à sua visão do espaço. Husserl (1994) explica: abrimos os olhos, nos deparamos com um espaço objetivo (com suas formas e constituintes), o espaço está aqui, à minha frente, vivo e absoluto. Na interiorização deste espaço objetivo, surgem ao meu campo visual conteúdos sensíveis os quais fundam uma aparição do espaço. Neste segundo plano ou segundo contato, o espaço objetivo não é mais objetivo, torna-se um constructo sensível por conta da intermediação dos olhos. Surgem, então, uma *aparição* de coisas espaciais.

Na verdade, é mostrado a mim um *rearranjo* de coisas ou uma segunda interiorização. Reduzamos assim este fenômeno perceptivo aos conteúdos primários dados, ou seja, à aparição originária do espaço objetivo a mim, sua primeira manifestação: a primariedade do espaço objetivo. Resultando disso tudo, um contínuo do campo visual que, segundo Husserl (1994), é *quase-espacial*. Dito de outro modo, não é o espaço ou o plano do espaço o constituinte, mas, nas palavras de Husserl, *uma dupla multiplicidade contínua*.

Neste sentido, temos como imagem do tempo imane

nte à consciência esta dupla multiplicidade contínua. Quando olhamos e, ao mesmo tempo, abstraímos o fenômeno causal, sobrevive durante a apresentação do espaço, a primariedade do espaço objetivo, como também a linha intermediária do surgimento das aparições brotadas do contato perceptivo do olho com o espaço objetivo. Mas, é de se pensar se ao olharmos para um ponto no espaço, já não estamos, por natureza do ato perceptivo, numa segunda demonstração do espaço objetivo. Logo,

não é o espaço primário, mas a sua aparição aos meus olhos, ou seja, o seu constituinte, a dupla multiplicidade contínua (HUSSERL, 2016).

Assim também é o tempo husserliano. Mas, diferentemente do segundo espaço que se mostra ou reaparece a mim, o tempo se mostra como uma primariedade *ad infinitum*. Em outras palavras, o tempo se retroalimenta de suas próprias interiorizações. O tempo abarca o mundo, absorvendo-o, mas é numa exteriorização partindo-se de uma interiorização. O tempo *abre-se* para o mundo no intuito de também absorvê-lo, de levá-lo para sua interioridade. O tempo husserliano convoca os fenômenos cousais para dentro de seu fundo obscuro, havendo uma luz interior que brota da consciência subjetiva.

É de se pensar também se a dupla multiplicidade contínua do tempo não seria constituída dele mesmo, sem a necessidade de introspecção de um fundo humano. Por exemplo: a cauda retencional do passado existiria no tempo próprio, ele mesmo a produziria ou seria necessária a existência da espécie humana? O tempo objetivo, o espaço objetivo ou o mundo objetivo das coisas reais, tudo isto são transcendências. Para interiorizar este tempo, espaço e mundo objetivos, é preciso, antes de mais nada, apreendê-los, detectando inicialmente o germe ou o ponto originário.

Sobre o tempo, Husserl (1994) salienta que devemos nos tratar de *signos de qualidade*. Por exemplo: o vermelho apreendido fenomenologicamente torna presente uma qualidade objetiva. O mesmo acontece com a dimensão do tempo. Apesar de ter um sentido próprio, interiorizante, o tempo se abre para que possamos apreender, no primeiro contato, a sua superfície, ou seja, a sentir à primeira vista a proximidade do tempo objetivo. Na qualidade do tempo objetivo aparecer, não é a sua propriocepção, mas antes a propriedade de seu aparecimento, ou seja, o tempo apreendido, ou melhor, *percebido*.

Se tempo e espaço objetivos são transcendências, no entanto, é possível apreendê-los partindo-se de suas aparições. No tocante ao espaço, é possível mais facilmente conhecer a sua envergadura quando o olho capta um ponto ou vários pontos em sua imensidão. Vimos que aí tratamos de uma segunda e intermediária interiorização. Porém, quanto ao tempo, não há o que ver, não há como perceber concretamente o espaço do tempo. Tudo se dá como numa passagem, numa mudança brusca, infinitesimal. Quando pensamos em captar o tempo, este mesmo tempo já tinha nos devorado. Temos a percepção dos instantes não passando de instantes ilusórios.

Daí mencionarmos, na introdução deste texto, um tempo esquizofrênico. Não lidamos com o substrato *real* do tempo. Apesar de vivo em nós, a captura do tempo se dá, de modo exclusivo, como uma *aparição ilusória* do espaço, nós vemos, tateamos, sentimos e nos movemos. Do tempo, é possível mover-se nele, percebê-lo, mas dentro de uma superfície e de um fundo abstrato, fantasmal, iludido. O tempo husserliano nos *ilude*. Às vezes, pensamos que ele está em nós, às vezes fora de nós. Mas, o tempo em si é um fundo muito profundo, se interiorizando cada vez mais. O tempo abre-se para uma consciência subjetiva, mas também se fecha dentro de um cosmo imanente. No entanto, até aqui, somente o humano é capaz de cocriar instantes na própria imanência do tempo. A defesa de Husserl é a de que existe uma consciência *interna* do tempo e somente a consciência humana, como uma dádiva de Deus, é capaz de mensurá-lo, interiorizá-lo, presentificá-lo.

Segundo Husserl (1994, p. 41), “captar e captar na verdade com evidência, um conteúdo tal como é vivido, não quer dizer ainda captar uma objetividade no sentido empírico, uma realidade objetiva em que se fala de coisas objetivas”. No momento da captura ou da apreensão por parte de uma consciência subjetiva, não captamos a unidade do tempo em sua objetividade ou em sua homogeneidade. Ao contrário, como dito antes, o tempo se temporaliza dentro dele mesmo, mas captar esta sua interiorização é o mesmo que captar uma nova originalidade, é o mesmo que apreender um novo constructo, uma nova formação. Não captamos o tempo tal como ele é ou tal como ele nos aparece. Isto é uma ilusão. Captamos apenas outra interioridade que não é o tempo objetivo, é o tempo *contrariado*.

Há, portanto, uma superposição de elementos temporais, estes elementos são outros, diferentes de sua unidade absoluta, íntegra que é a do *fundo* do tempo. Ao passar pelo canal de apreensão e significação por parte de uma consciência subjetiva, o tempo é outro, é diferença, há um desvio de contato, não é o tempo originário, mas o tempo brotado de uma relação. Ou seja, nós captamos relações temporais e nunca relações originárias. Do fundo do tempo ninguém consegue entrar. Há uma consciência imanente ao ser humano que faz é modificar o fluxo germinativo do tempo. O tempo que vem, que aparece ou reaparece não é o mesmo, é outro. O tempo é mudança.

As relações humanas advêm do interior do tempo e não de seu fundo absoluto. É como se o seu fundo fosse cósmico, inacessível. Quando apreendemos o tempo, apreendemos em sua ruptura, em seu intervalo de passagem e jamais de seu fundo, de seu buraco cósmico inacessível. É como se quiséssemos acessar outros planetas além dos já conhecidos. Entraríamos em um buraco negro e nos perderíamos para sempre. O argumento fundamental de Husserl nas *Lições* é que: quando percebemos algo, acontece por regra que o percebido permanece presente por um lapso de tempo, mas não sem se modificar.

Outro ponto a se verificar é o que Husserl (1994, p. 45) diz: “que o assim mantido na consciência nos apareça como algo mais ou menos passado, como, por assim dizer, temporalmente lançado para trás”. É como se tivéssemos sempre com um olho para trás. Husserl (1994) usa como exemplo o soar de uma melodia. Quando é soada uma melodia, o som individual não desaparece por inteiro com o cessar do estímulo. Quando soa um outro e novo som, o precedente não desaparece sem deixar rastros porque, segundo Husserl (1994, p. 45), “seríamos incapazes de notar as relações entre os sons consecutivos”. Outra tese de Husserl é a de que há sempre uma *cauda retencional do passado* para lembrar também a tese de Bergson (2010) sobre a sobrevivência do passado entre uma percepção que deixa de ser percepção e se torna lembrança. O agora-foi se torna agora-é. Ou seja, o assim mantido na consciência reaparece como um fragmento temporal que pertence ao novo e atual fragmento e assim *ad infinitum*.

Cito Husserl (1994, p. 46) novamente: “é, por conseguinte, uma lei universal que, a cada representação dada, se ligue, por natureza, uma cadeia contínua de representações, da qual cada uma reproduz o conteúdo da precedente, mas de tal maneira que ela fixe sempre à nova o momento do passado”. É desta forma que se desenha a *representação* em uma consciência humana. De um instante ou de um fenômeno causal lembrado ou

representado, há a conexão de múltiplos constituintes representados em presença fantasmática. Do ausente vem o presente. O precedente representado não deixa de coexistir à linha de recordação, pois representar é recordar, é rerepresentar, é tomar uma coisa novamente.

Quando percebemos o amarelo, nós sentimos também a duração da cor, sua intensidade e qualidade. A duração temporal do amarelo seria um momento temporal *imane*nte à sensação. Aí, ao perceber o amarelo, represento em minha consciência o Sol e não é qualquer Sol, é o Sol de um momento em que eu estava apreciando-o no jardim. Este amarelo convoca um fenômeno causal real: o Sol. O precedente, o amarelo, evoca a aparição do Sol e do Sol evoca a aparição do momento do jardim e assim *ad infinitum*. O tempo seria, então, *um fantasma que não deixa de existir*. Nós temos consciência por conta da consciência imediata de nossa existência no presente e nos lembramos de quem somos e o que fazemos, sentimos, agimos, pensamos por conta da sobrevivência absoluta do passado em nossas vidas.

Nada vem do nada. Tudo tem a sua origem, o seu germe. Se eu evoquei o Sol é porque lá atrás ficou mantido (mesmo inconscientemente) na minha consciência este momento. É como se o passado fosse a mola propulsora do presente. O presente se alimenta do passado e o passado se retroalimenta de múltiplas formas de aparição das porções temporais do mesmo passado. Nas palavras de Husserl (1994, p. 47, grifo nosso), “chega-se à representação da sucessão porque a sensação anterior não persiste *inalterada* na consciência”. Com a passagem pelo fantasma do passado, a sensação do amarelo do Sol recebe o caractere temporal, constantemente alterável e assim, o conteúdo perceptivo ou o fenômeno causal aparece, de instante a instante, mais e mais recuado, lançando-se cada vez mais para trás e assim *ad infinitum*.

A consciência ou o pensamento não deixará de existir enquanto houver vida anímica. E até podemos falar de uma consciência anímica que existe sem o corpo, sem a vida presente real vivificada. O passado se torna uma presença sempre ativa, reavivante, nascente, vindoura. O passado seria outra face de nós mesmos, uma lástima pensar que muitos de nós o negligenciamos. No tempo husserliano, é como se no percebido coexistisse um lembrado ou um fantasma. O fantasma “assombra” o instante do percebido. O fantasma seria o caractere temporal encrustado no ato perceptivo, ou melhor, no fenômeno causal, enquanto que a vívida lembrança que é atingida com aquilo que é o precedente é o resultado do *assombro*.

A dinâmica é a seguinte: o que fica mantido na consciência, ou seja, o precedente, não é a totalidade do passado, mas o passado *mais ou menos* contraído em sua recursão. É sabido que Bergson e Deleuze são uns dos filósofos que retomam o pensamento fenomenológico do tempo de Husserl. Para Husserl também, o passado e o presente coexistem. É de Brentano a ideia de Husserl de que “para a captação de uma sequência de representações (*a* e *b*, por exemplo), é necessário que estas sejam os objetos inteiramente simultâneos de um saber relacional, o qual, totalmente indiviso, as toma em conjunto num ato único e indivisível” (HUSSERL, 1994, p. 53).

Não é apenas o caso em que o som de uma melodia tenha uma duração, passe a durar em minha consciência (que os precedentes durem), mas que os sons formam uma unidade sucessiva e coesa como efeito

comum da forma de apreensão. Para cada sucessão, ou seja, para cada som que dure em minha consciência, há sucessivamente e de modo interpolado, uma retenção que também dura. Em um reflexo, nós não temos a imagem e o próprio espelho como se fossem algo divisível. O mesmo acontece aqui. A sucessão dos instantes seria a forma reflexiva da cauda retencional do passado. Se há uma consciência que *dure* é porque há, ao lado, um tempo não objetivo que a faz durar. Junto ao segundo som da melodia já está encrustada e em permanente presença a imagem mnêmica do primeiro.

Quando interiorizado, o tempo husserliano é constitutivamente um corpo intensivo efeito da consciência subjetiva. Esta consciência, então, apreende *efeitos* de intensidades. A consciência (ou o pensamento) não procura ou captura uma *forma* do tempo, mas *efeitos de sincronidades, de simultaneidades, de rupturas*, etc. O primeiro movimento intensivo que vem do tempo é um efeito de *indeterminação*, de uma razão *a priori* desconhecida, mas que vai se tornando evidente e apreensível toda vez que a cauda retencional do passado recua, retroage. Há, no tempo, uma *realidade virtual*, no entanto, esta realidade só se torna possível para uma consciência que pensa o passado. Porém, parece ser contraditório, mas a consciência imanente do tempo é propriamente uma zona de passagem e por ser uma zona de passagem é um campo de *efetuação* de componentes mnêmicos.

Em essência, o tempo é uma zona de passagem que *se efetua* por natureza na consciência subjetiva. Ou seja, já é um dado existente a realidade virtual do tempo, o tempo próprio é um movimento, uma passagem de ir e vir, o próprio tempo recua sozinho, ele mesmo, para existir, para se pôr à existência humana. Por pensar o pensamento uma singularidade, o modo de existir do tempo se *diferencia*. Nós somos seres de tempo no interior de seres de tempo do próprio tempo.

Husserl (1994, p. 56), em *Lições*, diz: “é evidente que a percepção de um objeto temporal tem ela própria temporalidade, que a percepção da duração pressupõe ela própria a duração da percepção”. Dito isto, vemos que a defesa de Husserl é a de que a percepção *conserva* indícios de temporalidade, a percepção, é, pois, ela própria, duração. Isto não quer dizer tão somente que toda percepção dura, há um fluxo de duração, mas que todo ato perceptivo está impregnado de uma atividade reflexiva a qual reflete os estilhaços da duração.

A percepção envolve-se de pequenos e até invisíveis intervalos. A potência do tempo ou uma parte dela é encrustada à percepção. Se formos pensar numa interiorização da percepção, é como se no interior de seu fundo contivesse uma boa parte dos objetos temporais, ou seja, caracteres temporais que a todo instante e de modo novo se temporalizam. Um único ato perceptivo de ver, sentir, agir ou pensar pode conter uma amplidão de caracteres temporais que ora recuam, ora atualizam-se, ora projetam.

Na visão de Deleuze (2018), a temporalidade seria um *crystal de tempo* que reflete os seus atos originários. Quando a percepção *se funde* aos caracteres temporais, há uma perfeita sintonia ou harmonia de elementos que ora se suavizam, ora se distendem. É, portanto, a consciência subjetiva que vai orientar a atualização, remissão ou retrospectiva destes elementos dentro de uma cadeia temporal. Não se precisa antes ver ou agir, basta que uma consciência *pense*. Todo ato mecânico ou sensorial está constitutivamente cercado de caracteres temporais. Ou melhor, tudo à nossa volta está redimido às leis do pensamento e, mais, às formas de temporalização.

Não é que seria preciso antes do ato de pensar para que ele se temporalizasse. Não, não é isto. Devemos pensar antes que tudo é tempo, o tempo *devora* o mundo e as coisas. É que, além de constituído de uma espacialidade, o pensamento é ele próprio temporalidade. A imagem do pensamento se cria como uma névoa invisível de caracteres temporais justapostos prontos para se potencializarem.

O primeiro contato com a substância temporal se faz com o ato de pensar, ou melhor, com o ato de perceber o pensamento. O próprio pensamento é ato, percepção e lembrança. A extensão e o interior do mundo é tempo e, então, o que dizer do pensamento. Este está dentro e fora do tempo, assim como o tempo cósmico está dentro e fora do universo e de outros tantos universos. A extensão do pensamento é puramente constituída de efeitos de espaço e de tempo.

Tomemos a formação de uma melodia no nosso pensamento. O som que dura constitui-se de um ato contínuo e, dentro deste ato contínuo, há uma tripla multiplicidade contínua. O que isto quer dizer? Que, numa parte do som, há a recordação, noutra parte a sutil percepção e, ainda, em uma última parte, a expectativa. O som soa, eu ouço-o, na superfície temporal do som eu ouço o primeiro som, em seguida, este primeiro passa a ser o *agora-que-passou* dando passagem ao segundo som o qual é o *agora-que-é* e assim *ad infinitum*. Tudo em perfeita sintonia e simultaneidade.

3 O tempo husserliano como um *continuum*

O tempo husserliano muda, modificando a sua substância e sua extensão. Em síntese, o tempo husserliano seria uma *continuidade de mutações constantes*. Cada ponto de tempo, cada estilhaço dele e, conseqüentemente, cada sua extensão são *individualmente* distintos entre si. Se cada ponto de tempo em si é problematicamente distinto de outro, o decurso ou o fluxo de tempo também o será. Conforme Husserl (1994, p. 60, grifo nosso) aponta “na progressão constante do modo de decurso encontramos, depois, como digno de nota, o fato de que cada fase do decurso posterior é ela própria uma continuidade alargando-se constantemente, uma *continuidade de passados*”.

Então poderíamos nos perguntar: no decurso infinito do tempo, o futuro realmente existe já que cada ponto posterior de tempo foi propriamente um ponto anterior? O tempo husserliano é uma dobra, um interstício de relações. Todo tempo futuro foi um tempo passado e todo tempo presente foi um tempo passado. A profundidade mais altamente profunda do tempo é o passado. O passado recua porque foi presente e o futuro projeta porque já foi passado. Segundo Husserl (1994), no decurso do tempo, *progredivimos* em mutações constantes. Quando a consciência do som-agora, a *proto-impressão*, passa à retenção, esta própria retenção é outra vez um agora, um existente atual (HUSSERL, 1994, p. 62). “Proto-impressão” significa dizer que o som-agora é uma partícula, um estilhaço ou um modelo residual do tempo atual. Este “modelo” ou molde se desintegra, se dispersa, transformando-se em um molde que irá se adaptar ou se acoplar à *cauda* retencional do passado.

Segundo Husserl (1994, p. 62, grifos do autor), “o som agora muda-se em som-que-foi, a consciência *impressional* converte-se, em corrente permanente, numa consciência *retencional* sempre nova”. Temos dois termos husserlianos muito importantes: “consciência *impressional*” de um lado e “consciência *retencional*” de outro. A

primeira é responsável ou tem a capacidade de reproduzir, no interior de cada som-agora, a impressão daquilo que é precedente, ela deixa marcas, rastros como impressões, assim como deixamos nossas impressões digitais do polegar no papel. A segunda participa do processo posteriormente, ou melhor, ao mesmo tempo em que aquela impressão fica cravada no som-agora, da impressão que fica, surge, então, uma retenção, uma *reabsorção* dos caracteres temporais da consciência impressional.

A sensação é um tipo de impressão e, dentro de uma sensação que deixa impressão, há uma retenção. Da sensação de ver um dia ensolarado, fica a impressão deste dia e da impressão do dia coaduna-se a retenção de uma imagem anterior mais ou menos semelhante a este dia. A cada nova retenção, um espaço de tempo diferente e a cada nova apreensão de novos elementos temporais, uma reconfiguração de novas retenções e assim *ad infinitum*.

De acordo com Husserl (1994, p. 64), “quando um som se dissipa, ele é sentido, primeiro, com uma plenitude (intensidade) particular e segue-se a isto uma rápida diminuição de intensidade. O som está ainda aí, é ainda sentido, mas numa simples ressonância”. O som que *ressoa* em sua segunda retenção é um som mínimo, menos intenso porque o mesmo já soou na primeira. O tempo de duração do som vai perdendo a intensidade quando se vai chegando às demais retenções, é como se as impressões posteriores fossem menos intensas, perdendo-se sucintamente e paulatinamente o teor bruto e originário do fluxo da duração de tempo.

O tempo se esvai. É como se o ponto de tempo anterior *movesse* o ponto de tempo atual com o teor da duração. O som anterior se esvai, perde intensidade, no entanto, o novo e atual som faz intensificar continuamente o som de agora e assim *ad infinitum*. Porém, o novo som atual que é uma distensão do som precedente perde força intensiva e, ainda mais, a representação do passado pede uma *outra* representação, mas sem deixar o fio condutor coerente das proto-impressões. Um ponto das *Lições*, que deve ser apresentado é que na análise fenomenológica da consciência interna do tempo não lidamos apenas com recordações ou retenções primárias, mas também *secundárias*. Estas últimas surgem quando as presentificações de um objeto temporal são autossuficientes, nos termos husserlianos, *sem agregação às percepções*.

Neste sentido, há, durante a formação dos halos temporais, uma retenção primária (a primeira que acontece no conjunto das retenções) e uma retenção secundária (a recordação que surge de outra recordação sem a necessidade da percepção). Vamos a um exemplo do próprio Husserl (1994) para que frise melhor:

Consideremos um caso de recordação secundária: recordamo-nos, digamos, de uma melodia que ouvimos recentemente num concerto. E então manifesto que o fenômeno da recordação tem no seu todo, *mutatis mutandis*, precisamente a mesma constituição que a percepção da melodia. Ela tem, como a percepção, um ponto privilegiado: ao ponto-agora da percepção corresponde um ponto-agora da recordação. Percorremos a melodia na fantasia, <<como que>> ouvimos inicialmente o primeiro som, depois o segundo e assim sucessivamente. De cada vez, está sempre um som (ou fase de som) no ponto-agora. Os passados não estão, porém, apagados da consciência. À apreensão do agora que aparece, do som <<como que>> agora ouvido, solda-se a memória primária do som como que ouvido mesmo agora e a expectativa (protenção) do que está por vir. O ponto-agora tem sempre de novo, para a consciência, um halo temporal, que se consoma numa continuidade de apreensões da recordação, e a recordação total da melodia consiste num contínuo de tais halos temporais contínuos, correlativamente, de contínuos de apreensão da espécie descrita (HUSSERL, 1994, p. 67-68).

De acordo com Husserl, é como se os halos temporais da retenção ou recordação secundária tivessem vida própria, eles se autogerassem, se autoproduzissem, sem deixar de levar em conta que, neste caso, uma serie

de halos temporais da recordação primária contêm a substância anímica da formação de halos temporais da recordação secundária. Husserl (1994) chama este tipo de recordação de *iterativa*. Isto não quer dizer que os halos temporais se comunicam entre si. Que há uma relação há, mas é uma relação de *repetição* de novos halos temporais de uma nova recordação que se autoproduz iterativamente. Tudo parece (eu quis dizer “parece”) que é igual à percepção e à recordação primária e, no entanto, isto não é a própria percepção ou recordação primária. Pelo simples fato dos halos temporais se repetirem não quer dizer que eles sejam iguais à percepção ou à recordação primária.

Como dito antes, quando um som é soado, ele vai perdendo sua força intensiva, embora por causa disto as relações entre os halos temporais não deixem de existir. Eles perdem força, mas não perdem animosidade. É como se ao som recordado tivesse uma *zona irreal* de passagem. Ser “irreal” quer dizer como se os halos temporais que *iluminam* a aparição de novas retenções fossem fantasmas, algo que poderia não existir porque, nesta hipótese, o passado seria apenas uma *contração* do presente, ele (o passado) só existiria por conta da existência do presente. O que um dia foi passado foi porque um dia foi presente. Esta é a dinâmica.

Voltemos ao caso da melodia. “A melodia total aparece, porém, como presente enquanto ainda soa, enquanto ainda soam os sons a ela pertencentes, visados *numa* conexão de apreensão. Ela está passada somente depois de o último som se ter ido” (HUSSERL, 1994, p. 70, grifo do autor). Seria o caso de dizer que o som total é o som por inteiro que agora soa, porém este mesmo som não pode ser ouvido por uma pessoa sem a *sucessão* de fases. Ele pode existir por inteiro no presente, mas a sua verdadeira reprodução se dá numa multiplicidade contínua de relações entre o ponto anterior e o ponto atual. O que dá corporeidade e movimento a estas relações é a retenção primária que dá origem a retenções secundárias.

Na visão de Husserl (1994), os halos temporais do passado seriam *caudas de um cometa*. Um tipo de cauda flexível que se alimenta puramente de retenções. Há animosidade no tempo husserliano e, mais do que isto, há a “contaminação” do passado na estrutura do tempo, muito embora a sua aparição seja aparentemente um dado irreal. Cada halo temporal é uma singularização ou um ato singular. Ou seja, no interior de cada cauda retencional do passado, estão contidos invisíveis halos temporais que individualmente se solidarizam, formando cada um uma unidade própria e um teor de retenção próprio. Dentro de uma causa retencional, há infinitos halos temporais. Numa melodia por exemplo, haverá uma multiplicidade ou uma infinidade de halos temporais até que a mesma melodia desapareça. A melodia desaparecendo, não há porque os halos temporais continuar existindo. A vida da melodia compreende a vida de halos, de tensões e de retenções.

Voltemos à recordação iterativa ou secundária. O agora que aparece à percepção não é o mesmo agora que aparece para a recordação iterativa. Segundo Husserl (1994, p. 72, grifo nosso), “este agora não é percebido, quer dizer, dado ele próprio, mas sim *presentificado*. Ele representa um agora que não é dado”. Dos halos temporais que sobrevivem da cauda retencional, estes mesmos têm o poder de se presentificarem, eles mesmos dão aparição a eles mesmos: eles autopresentificam-se. Ou melhor, dos halos temporais que agora-passaram coadunam-se aos halos temporais que agora-estão-passando. É uma recordação da recordação. O

recordado torna-se presença na subespécie do agora-recordado. É uma recordação que se presentifica, põe diante dos olhos do espírito os objetos temporais em imagem, é um fantasma que volta a aparecer. Da aparição surge outra aparição. A imagem da imagem, mesmo que não *diretamente* segundo o modo de uma autêntica consciência de imagem.

Nos termos husserlianos, a retenção constitui o *horizonte vivo do agora*. Nela, há uma consciência do agora-mesmo-passado que se apresenta como o recuo da fase-agora a qual originariamente não é mais a duração constituída e percebida. É como se os rastros deixados com a percepção, não fossem mais pertencentes à percepção, mesmo que eles tenham se originado da própria percepção. Como dito antes, os halos temporais possuem vida, *vida própria* e, alguns deles, são autossuficientes.

O caso é que, afirma Husserl (1994), “o presente posso revivê-lo, mas ele não pode ser redoado”. Não há, portanto, o presente do presente. Há, ao contrário, o passado do presente. Mas, não seria o passado que posso revivê-lo no lugar do presente? Se caso eu fosse reviver o presente não estaria, de alguma medida, na instância do passado, mesmo por uma porção de tempo? “Reviver” não é uma condição de “representar” e a própria representação não já é condição do passado? Para “reviver” recorre-se a uma *reorganização* dos caracteres temporais. É como se se eu fosse “reviver” o presente, eu não tivesse em minha consciência o lado anterior de mim mesmo, a existência da parcela anterior ao meu eu ou a interiorização de mim mesmo como pessoa.

Em resumo, é possível “reviver” o presente, mas sem deixar de lado o passado. Ao “reviver”, eu estou me rerepresentando a mim mesmo, eu preciso no mais da consciência interna de mim mesmo, da porção anterior ao meu centro de origem. Nenhum ser humano, vegetal ou animal, vive-se somente de presente. É impossível pensar numa recursão a todo instante do presente, morreríamos num mundo absoluto, sem fantasia, sem imaginação, sem o antes e o depois. Tornaríamos loucos só em pensar infinitamente e absolutamente na matéria do presente.

Sobre a afirmação de que, numa análise fenomenológica, o presente não pode ser redoado, estamos de acordo. Sobre fato de que o presente poderia ser redoado está no fato de que o presente “oferece” uma parcela do total de sua temporalidade atual para os objetos temporais com o intuito de que eles (os objetos temporais) deem início ao processo do ato em si para a sua temporalização. Mas, como o presente não pode jamais ser redoado, é que a produção de um presente pelo próprio presente é impossível. Se fosse deste modo, o espaço e o tempo não se “moveriam”.

A nossa hipótese é de que o presente não pode ser redoado porque, no próprio interior da doação ou redação, o presente deixa de ser propriamente um presente e passa a ser passado. Como dito antes, não há o presente do presente, mas há o passado do presente ou o presente do passado (quando há presentificações da recordação iterativa). Se caso o presente fosse redoado, ele teria que doar a sua existência bruta e isto, para nossa hipótese, é incomensurável. Sendo assim, o presente não redoa um presente, mas parcelas anteriores de um dado presente. O presente não redoa *ipso facto* o presente, redoa o passado. “Redoar” significa doar uma porção de si mesmo a outrem, a uma outra substância temporal de natureza diferente, segundo Husserl.

Vamos a um exemplo. Bato na mesa duas vezes e *presentifico-me* a sucessão. No momento de tal presentificação, o dado do presente não é mais presente, muito embora ele (o presente) *retorne*, mas é um retorno de uma nova face, uma nova fase, um novo constructo. Não é o presente ele mesmo, embora seja um recontato com o próprio. A presentificação é um ato que parte da recordação e torna esta pura presença, ou melhor, uma imagem de sua sucessão. Sabemos, de antemão, que esta “sucessão” não é uma sucessão igual em todas as suas fases, cada cauda retencional modifica o halo temporal e assim *ad infinitum*.

Presentificar uma sucessão é partir da recordação do ato percebido, ou seja, do ato da percepção do presente. Tal presente doa uma parcela ou uma porção de si mesmo do ato percebido, fazendo com que a consciência humana crie uma imagem semelhante do ato em que estava em execução (o bater duas vezes na mesa). Ainda assim, podemos dizer categoricamente que a duração entre os intervalos temporais entre uma ação da mão e outra ação (o movimento duplo de bater na mesa) jamais será o mesmo.

O primeiro seria o ato percebido (após o ato de pensar o tal ato percebido) e o segundo seria uma *modificação* com a ruptura da duração do tempo. Caso outro seria se, porventura, apreendêssemos na imaginação. O ato percebido na imaginação seria duplamente diferente do ato percebido no momento exato da ação. Imaginar este tal ato percebido seria uma apreensão da apreensão de uma recordação. Retrospectivamente, o primeiro ato de percepção se acoplaria à segunda percepção. O primeiro seria o bater-agora-que-está-passando, enquanto que o segundo seria o bater-agora-que-agora-é. O segundo representa o primeiro e assim sucessivamente se caso houvesse mais do que duas batidas na mesa. Neste caso, a cauda retencional do passado se prolongaria *ad infinitum*. Encontramos, nas *Lições*, uma parte em que Husserl fala sobre os fantasmas, vejamos:

Os *fantasmas* que apresentam os sons não ficam paralisados na consciência, como se agora cada som fosse continuado, na presentificação, como um dado persistente idêntico. Senão, não se poderia chegar de modo nenhum a uma representação intuitiva do tempo, à representação de um objeto temporal na presentificação. O som reproduzido passa e o seu *fantasma* não fica paralisado, idêntico, suportando continuamente a sua apreensão, mas modifica-se antes de um modo peculiar e funda a consciência presentificante da duração, alteração, subsequência, etc. (HUSSERL, p. 76-77, grifo nosso).

Os fantasmas movimentam-se na duração. Este é um fato que Husserl atesta. Movimentam-se por conta dos halos temporais que se produzem da cauda retencional do passado. Husserl frisa: “eles (os fantasmas) não ficam paralisados na consciência”. Entre o termo precedente e o termo subsequente, os fantasmas continuam se perfazendo nos instantes da duração. Os fantasmas seriam invisivelmente um fluxo na interconexão dos sons. Inicialmente, estes fantasmas seriam como fantasmas obscuros, pouco nítidos e, aos poucos, com a produção de sua força intensiva temporal, vão se compondo e iluminando como halos temporais.

Como a presentificação é um ato de recordação do dado presente do ato percebido, ou seja, torna-se novamente uma luz que “brilha” no fluxo do tempo, este novo dado que *persiste* incansavelmente na corrente recorrente da representação intuitiva do tempo jamais será idêntico. Os fantasmas teriam a função de *recuperar* o fluxo corrente do ato percebido, inserindo este fluxo corrente em uma nova torrente recorrente de halos temporais. Da ocorrência à recorrência. Como nos diz Husserl: “o som reproduzido passa e o seu fantasma não

fica paralisado”. Os tais fantasmas não são reproduzidos quando o som é reproduzido imediatamente, mas, apenas, quando há uma apreensão presentificante da duração do ato percebido.

Para o fantasma, era como se existisse uma “consciência” sua que evolui no decurso da formação dos halos temporais. Quando presentifico para mim uma melodia no decurso do som que se vai soando, os fantasmas aparecem na altura do limite do som que se soa. Quando a melodia soa, o primeiro som vai se esvaindo e entra em cena o segundo som em interconexão com o primeiro, formando uma sintonia simultânea que não cessa até que a melodia desapareça do espaço do tempo.

O interessante a observar disto é que uma fase temporal jamais pode existir por si. Para existir, é preciso dos fantasmas, dos halos temporais, das sínteses, das apreensões, das retenções. Em suma, do ato corrente e recorrente de manter a duração sempre em ressonância, em alteração, em subsequência, etc. Os fantasmas que Husserl evoca são os principais condutores do fluxo da duração em nós e fora de nós. Os fantasmas estão em todo fenômeno causal, em todo tipo de ressonância, em todo tipo de recorrência, em toda manifestação originária ou secundária, em toda presentificação, em toda causa retencional do passado.

Em resumo, os fantasmas estariam no percurso de interiorização da consciência interna ou imanente do tempo. À medida que a duração do tempo de uma melodia se escoar, os fantasmas estão ali a todo instante participando do fluxo ininterrupto de vivências psíquicas. Quando temos a expectativa de um novo soar de um novo som, os fantasmas já haviam feito o seu trabalho: o de conduzir e reconduzir os halos temporais que estão no fluxo do tempo. No próprio ato de pensar, detectar e ouvir tal melodia, os fantasmas *já estavam* presentes de alguma maneira. E aí a nossa tese inicialmente apresentada na introdução deste texto é confirmada: o tempo husserliano envolve-se e se retroalimenta de fantasmas, fantasmas do próprio tempo conduzidos pela cauda retencional do passado. Se o tempo husserliano é mudança, a própria mudança é efeito do trabalho dos fantasmas. Eles não assombram. Eles só tornam presentes aquilo que, por ventura, possa ser esquecido: o som de uma melodia, o amarelo do Sol, o som do bater em uma mesa, etc.

4 Considerações finais

Resta-nos tecer sinteticamente alguns pontos importantes que abordamos neste texto. Apesar de ser um texto pouco discutido entre os especialistas em Husserl, as *Lições* apresentam uma análise fenomenológica muito mais consistente do que da obra seminal *Investigações lógicas* e também mais madura do que as *Ideias*. Encontramos, no texto das *Lições*, um Husserl mais encorpado, mais alimentado pelas concepções da Fenomenologia. Cremos que, à época, Husserl continha não todos, mas boa parte de seu arsenal terminológico para enfrentar, de vez, a problemática do tempo.

Um ponto que deve ser realçado deste itinerário é que: Husserl faz uma defesa muito bem argumentada e que, ao meu ver, com o modo como apresenta o estatuto temporal, passa a ser uma investigação filosófica rara, única e indivisível. Há unicidade e unidade em sua investigação sobre o tempo. É “única” porque não conheço nenhum filósofo, além de seu mestre Brentano, que tenha se preocupado com a *consciência interna* do tempo.

Não abordamos, neste texto, a “consciência” em si, mas o que Husserl quer nos explicar é que existe *realmente* uma consciência própria imanente ao tempo. O tempo *pensa* fora e dentro de nós. Vimos, portanto, que é do fundo de sua interiorização que uma consciência humana é capaz, ao ver, ouvir, perceber, agir, pensar, de ela mesma entrar no fundo inicialmente obscuro do tempo e absorver dele todos os caracteres temporais essenciais para o *desocultamento* e, conseqüentemente, a *revelação* de um fenômeno causal.

A escrita de Husserl é muito densa e, ainda mais, em particular, neste texto das *Lições*. É preciso, antes de se aventurar na sua escrita, conhecer não necessariamente a dinâmica do tempo objetivo (pois, não é esta a abordagem husserliana), mas um tempo *dissipado* como Pelbart (2010) apresenta em seu livro *O tempo não-reconciliado*. Trata-se de uma escrita muito bem estruturada, sistemática, transversal e rizomática.

Logicamente, uma análise fenomenológica, como esta que Husserl apresenta, é muito difícil de compreendê-la e isto cresce ainda mais quando temos como objeto de análise a problemática do tempo. O tempo husserliano é problema. E, por ser problema, investe-se em mudança, em uma outra face que não aquela que está visível. Compreender o tempo husserliano, ou melhor, para que ele faça sentido, é preciso, friso mais vez, *entrar* em sua interioridade, assim como escavamos uma caverna subterrânea. Husserl apresenta, com termos próprios, a *dinâmica interior* da consciência do tempo.

Quanto mais entrarmos em sua interiorização, mais estaremos surpreendidos com o que o tempo tem a nos oferecer e a nos revelar. O interior do interior. A consciência do tempo *abre-se* para nós, convida-nos a entrar em sua interioridade. Não sabemos, com exatidão, onde ela começa ou onde ela termina. No entanto, sabemos que ele (o tempo) é a consciência que *faz estarmos* no mundo, é o dentro e o fora, o fora e o dentro.

Em relação com a órbita da Terra, somos seres microscópicos, quase invisíveis, mas que, mesmo assim, somos uma consciência pensante e imaginante, conseguimos captar, mensurar, criar e até transportar os objetos temporais. Não houve no Universo um indício de que há vida consciente no nível que nós somos. Será uma dádiva de Deus ser um ser pensante e criativo? Ser um ser que consegue apreender a interioridade do tempo? Bem, uma coisa não resta dúvidas: À vida humana, o tempo sempre existirá mesmo que nos transformemos em pó.

Conflitos de interesses

O autor declara que não há conflitos de interesse. O autor está ciente da submissão do artigo.

Referências

- Bergson, H. (2010). *Matéria e memória: ensaio da relação do corpo com o espírito*. (4. ed.) Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes.
- Deleuze, G. (2018). *A imagem-tempo*. (1. ed.) Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. (2020). *Diferença e repetição*. (2. ed.) Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Paz e Terra.
- Husserl, E. (1994). *Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo*. (1. ed.) Tradução de Pedro M. S. Alves. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.



Husserl, E. (2006). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. (1. ed.) Tradução de Márcio Suzuki. São Paulo: Ideias & Letras.

Husserl, E. (2016). Investigações fundamentais sobre a origem fenomenológica da espacialidade da natureza. Tradução de Enio Paulo Giachini. *Revista Filosófica São Boa Ventura*. 10(2), 141-156.

Pelbart, P. (2010). *O tempo não-reconciliado*. (1.ed.) São Paulo: Perspectiva.